

Os Surrealistas

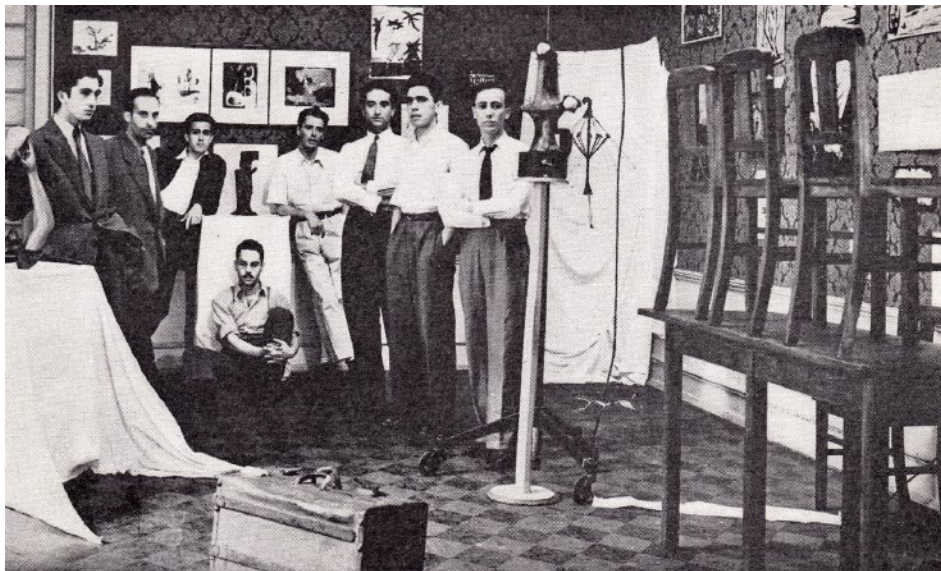
*CICLO DE CELEBRAÇÃO DOS 70 ANOS DA
1ª EXPOSIÇÃO EM PORTUGAL*

CONSTRUIR O NADA
PERFEITO
Tributo a Cruzeiro Seixas

26 de junho a
07 de setembro, 2019
atmosfera m



Curadoria
Carlos Cabral Nunes



1ª Exposição de "Os Surrealistas", Sala de Projecções da Pathé-Baby, Junho de 1949. (Da esquerda para a direita: Henrique Risques Pereira, Mário Henrique Leria, António Maria Lisboa, Pedro Oom, Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas, Carlos Eurico da Costa e Fernando Alves dos Santos. Ausentes: António Paulo Tomaz, Carlos Calvet, Fernando José Francisco e João Artur da Silva.



Reviver “Os Surrealistas” em Lisboa, 70 anos depois!

“Construir o Nada Perfeito” é o título desta exposição antológica de tributo a Cruzeiro Seixas. Título, aliás, dado pelo próprio artista, descrevendo-o como sendo o que procurou sempre fazer, ao longo da sua longa e intensa vida. O destaque dado a esta personalidade maior do movimento surrealista português, a par com Cesariny e demais companheiros de aventura Surrealista, é tanto mais justificado por se tratar do derradeiro mentor de OS SURREALISTAS ainda em atividade, ao cabo de quase 99 anos de idade.

Esta e outras três mostras ocorrem por ocasião do ciclo de Celebração dos 70 anos da 1ª exposição de OS SURREALISTAS, anti-grupo fundado por Cruzeiro Seixas, Mário Cesariny e restantes companheiros d'aventura Surrealista: Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leria, Fernando José Francisco, Carlos Eurico da Costa, Carlos Calvet, Fernando Alves dos Santos, António Paulo Tomaz, João Artur da Silva. Pela sua mão, em junho de 1949, deu-se em Lisboa uma espécie de revolução quase secreta que o país, só mais tarde, veio a reconhecer e a adotar. É esse ato inaugural da modernidade que influenciou sucessivas gerações de autores, que se evoca e se recorda neste ciclo, em diferentes locais da capital.

A célebre exposição que teve lugar na sala de projecções da Pathé Baby, junto à Sé de Lisboa, é evocada no núcleo “Surrealismo em 1949” que se mostra na Perve Galeria, em Alfama, a partir do dia 29. No mesmo dia, na Casa da Liberdade - Mário Cesariny, apresentam-se na exposição “Conexões e Miscigenação”, obras realizadas até 1975, que denotam a influência de OS SURREALISTAS num conjunto alargado de autores dos países de Língua

Portuguesa. Essa influência teve um protagonista maior: Artur do Cruzeiro

Seixas, que rumou a África em 1952 para se fixar em Angola até 1964, aí realizando várias exposições marcantes.

Finalmente, inaugurará no dia 2 de julho, na Galeria aPGn2 - A PiGeon too, em Alcântara, a mostra “Global(ismo)”, que reúne obras realizadas a partir do ano 2000, por artistas internacionais e dos PALOP, numa perspectiva de homenagear OS SURREALISTAS e de colocar em evidência os múltiplos caminhos que este movimento abriu e que ainda se mantém atual. O ciclo comemorativo contemplará também diversos atos performativos e outras exposições, a realizar em vários pontos do país, assim como serão apresentados filmes sobre OS SURREALISTAS e o seu percurso, entre os quais os realizados, nos anos 50 do século XX, por Carlos Calvet. Este ciclo de celebração tem a curadoria de Carlos Cabral Nunes e é organizado pelo Colectivo Multimédia Perve, associação de arte e cultura, sem fins lucrativos, fundada em 1997.

Alfama

Artur do Cruzeiro Seixas, hoje com quase 99 anos, é ainda maravilhosamente ativo. As suas primeiras pinturas surrealistas datam de 1942, quando Cruzeiro Seixas tinha apenas 22 anos mas encontrando já as suas formas preferidas de expressão, a arte e a poesia, assim como o seu universo, o Surrealismo, ao qual permanecerá fiel durante toda a sua vida. Em 1949 participou na exposição de “Os Surrealistas”, o grupo dos Surrealistas portugueses fundado por Mario Cesariny.

André Breton definiu o surrealismo como “automatismo psíquico puro”, considerando o automatismo como a “pedra angular” do movimento. Artur é, com André Masson, o artista que por excelência terá dado ao desenho automático toda a sua dimensão. Ele desenha com brio, num quase segundo estado. Dá à luz um novo mundo onde todos os reinos se fundem. Uma linha rápida e incisiva sem arrependimento. Com ele, a caneta “corre no papel”, nas palavras de Breton e, com uma linha contínua, cinzela formas em transformação. A contribuição decisiva de Artur para o surrealismo é precisamente essa prática ininterrupta do desenho automático. Poucos artistas adotaram, como ele, esse modo exclusivo de expressão.

Encontramos, nas suas primeiras pinturas, semelhanças com o mundo de De Chirico. Até onde os olhos podem ver, animados por estátuas fascinantes. Ruturas espantosas de escala. O universo de De Chirico deriva a sua força da quase total ausência de seres vivos. Estátuas substituem os homens e a quietude reina suprema. Nesse mundo, os objetos tomam o lugar das figuras, quais espectros dos homens. Cenografias vazias de presença humana ou animal, os interiores “metafísicos”.

Por outro lado, a pintura de Artur é uma ode à vida e ao movimento. Nesse universo dionisiaco, tudo se move, tudo ganha vida, as formas são engendradas numa incessante transformação. Não existe um objeto que não se torne vivo. E como a vida está constantemente a reinventar-se, as criaturas unem-se, fundem-se, hibridizam-se para formar corpos plurais. Artur do Cruzeiro Seixas é o Michelangelo do seu tempo. No seu lugar, tudo toma forma. Corpos pós-modernos, múltiplos e polimórficos.

Artur do Cruzeiro Seixas est encore merveilleusement actif aujourd'hui à l'âge de 99 ans. Ses premières peintures surréalistes remontent à 1942. Il n'a alors que 22 ans mais il a déjà trouvé ses formes d'expression privilégiées, l'art et la poésie, et son univers, le surréalisme, auquel il restera fidèle toute sa vie. En 1947, il participe à l'exposition du groupe « Os Surrealistas » et rejoint le groupe des surréalistes portugais fondé par Mario Cesariny.

André Breton avait défini le surréalisme comme « automatisme psychique pur ». Il tenait l'automatisme pour la « clef de voûte » du mouvement. Artur est, avec André Masson, l'artiste qui par excellence aura donné au dessin automatique sa pleine mesure. Il dessine avec brio, dans un état presque second. Il fait naître un univers inédit où tous les règnes se confondent. Un trait rapide, incisif, sans repentir. Avec lui, la plume « court sur le papier », selon l'expression de Breton et, d'un trait continu, cisèle des formes en transformation. L'apport décisif d'Artur dans le surréalisme est justement cette pratique ininterrompue du dessin automatique. Peu d'artistes en ont fait comme lui leur mode d'expression exclusif.

On trouve, dès ses premières peintures, des affinités avec l'univers de De Chirico. Des étendues à perte de vue qu'animent de drôles de statues. Des ruptures d'échelle vertigineuses. L'univers de De Chirico tire sa force de l'absence quasi totale d'êtres vivants. Les statues ont remplacé les hommes, l'immobilité règne en maître. Dans ce monde de doublures, les objets ont pris la place des figures, les spectres celle des hommes. Des scénographies vides de présence humaine ou animale, des intérieurs “métaphysiques”.

À l'inverse, la peinture d'Artur est une ode à la vie et au mouvement. Dans cet univers dionysiaque, tout bouge, tout s'anime, les formes s'engendrent dans une incessante transformation. Pas un objet qui ne devienne vivant. Et parce que la vie se réinvente en permanence, les créatures s'unissent, fusionnent, s'hybrident pour former des corps pluriels. Artur Cruzeiro Seixas est le Michel-Ange de son temps. Chez lui tout prend corps. Des corps post-modernes, multiples et polymorphes.

Fase pré-Surrealismo



Cruzeiro Seixas, n.d - circa 1940

Arte

Tinta da china e Têmpera sobre papel, 25x6 cm



Cruzeiro Seixas, 1942
Sem título
Tinta da China e têmpera s/ papel, 25x19cm



Cruzeiro Seixas, n.d., Circa 1936
Sem título
Tinta da China sobre papel,, 21 x 15,5 cm

Um corpo-barco-paisagem junta-se a um braço erguido do chão. Os barcos têm pernas e asas. Um só reino sintetiza todos os reinos. O mineral, o vegetal e o animal entrelaçam-se, fundem-se e confundem-se unindo-se numa grande família química. Os quatro elementos trocam as suas prerrogativas: o fogo congela, os glaciares inflamam-se, a terra é navegável, pode-se caminhar sobre a água.

André Breton sonhava em encontrar o ponto sublime em que os opostos deixariam de ser contraditórios, onde as oposições seriam superadas, sublimadas, sem serem negadas. A passagem de velhas antinomias está no coração do surrealismo. André Breton faz da busca por esse ponto supremo o seu objetivo. Artur encontrou imediatamente esse ponto no seu trabalho, levando-nos até lá, incansavelmente. De Chirico havia introduzido quebras de escala e uma multiplicidade de pontos de vista, os quais criam um espaço labiríntico no qual o espectador perde a sua orientação e experimenta novas associações mentais. Com Artur, o processo é levado ainda mais longe: os pontos de vista diferem de uma parte para outra dos elementos representados. Assim, uma mão pode ser desenhada muito de perto, enquanto o braço é consideravelmente distante. Não existe apenas um elemento ou fragmento de elementos no seu tamanho, mas as distâncias dentro do mesmo desenho são arbitrárias. O princípio da metamorfose que controla as figuras é estendido a todo o espaço. A plasticidade das formas cria um espaço cinético onde tudo ganha vida, prestes a começar. O seu trabalho é um convite para viajar. Abundam cavalos, barcos, barcos à vela, bicicletas, máquinas voadoras com bandeiras por cima. As asas são para ele o atributo natural de todas as coisas vivas e não é incomum que homens ou cavalos sejam providos delas. O marinheiro que ele era, o incansável aventureiro, cria espaços vastos e criaturas-objeto feitas para viajar em todas as direções.

Mas quando tudo indica um movimento iminente, prestes a levantar voo, paradoxalmente, tudo pára, funde-se ou tenta ancorar-se no chão. A tensão é extrema, entre o poder de perfuração dos corpos que ganham raízes e o seu impulso de libertação da gravidade e de saltarem para o espaço.

Un corps-barque-paysage jouxte un bras sorti du sol. Les bateaux ont des jambes et des ailes. Un seul règne synthétise tous les règnes. Le minéral, le végétal et l'animal s'entrelacent, se fondent et se confondent pour s'unifier dans une grande famille chimérique. Les quatre éléments échangent leurs prerogatives : le feu gèle, les glaciers s'enflamment, la terre est navigable, on peut marcher sur l'eau.

André Breton rêvait de trouver le Point sublime où les contraires cesseraient d'être perçus contradictoirement, où les oppositions seraient surmontées, sublimées, sans être pour autant niées. Le dépassement des vieilles antinomies est au cœur du surréalisme. André Breton fait de la quête de ce Point suprême son objectif même. Artur a d'emblée dans son œuvre trouvé ce point, et nous y conduit inlassablement. De Chirico avait introduit des ruptures d'échelles et une multiplicité de points de vue, ce qui crée un espace labyrinthique dans lequel le spectateur perd ses repères et expérimente de nouvelles associations mentales. Chez Artur, le processus est poussé encore plus loin : les points de vue diffèrent d'une partie à l'autre des éléments représentés. Ainsi une main peut être dessinée en gros plan, de très près, tandis que le bras est considérablement éloigné. Non seulement aucun élément ou fragment d'élément n'est à sa taille, mais les distances à l'intérieur d'un même dessin sont arbitraires. Le principe de métamorphose qui commande les figures est étendu à l'espace tout entier. La plasticité des formes crée un espace cinétique où tout s'anime, s'apprête à prendre le départ. Son œuvre est invitation au voyage. Y abondent les chevaux, les barques, les bateaux à voile, les vélos, les engins volants surmontés d'étendards. Les ailes sont chez lui l'attribut naturel de tout ce qui vit, et il n'est pas rare que les hommes ou les chevaux en soient pourvus. Le marin qu'il a été, l'infatigable aventurier, crée de vastes espaces et des créatures-objets faites pour les parcourir dans toutes les directions.

Mais alors que tout indique le mouvement imminent, sur le point de prendre son essor, paradoxalement, toute chose s'immobilise, épouse un socle ou tente de s'ancrer dans le sol. La tension est extrême entre la puissance de forage des corps qui prennent racine, et leur élan pour se libérer de la pesanteur et s'élancer dans l'espace.

Poucos artistas dinamizaram tanto os opostos, como ele o fez, de modo a sublimá-los, criando tensões férteis dentro de cada desenho ou guache, que aguçam os sentidos. Estas oposições desempenham um papel catalisador, potenciando emoções e favorecendo a libertação dos poderes da imaginação.

Se ele é um desenhador incomparável, Cruzeiro Seixas é também um pintor que tem explorado com sucesso todas as técnicas, incluindo a colagem, o recorte de papel e produziu igualmente um grande número de objetos surrealistas, que ombreiam com as mais famosas criações neste campo. Tornou-se uma forma de o artista dialogar com os seus antecessores e, em particular, com o grupo de André Breton. Em muitos dos seus objetos ecoam os mais famosos objetos surrealistas. São objetos aparentemente inúteis e absurdos, que parecem rir de si mesmos. Objetos de humor negro. Assim, ele criou em 1954, *O Quotidiano*, uma chávena de porcelana com uma asa por dentro. É como que o aceno para um outro Almoço, o de Meret Oppenheim (*Le Déjeuner en fourrure*, de 1936), onde o interior da taça é coberto de pele. Aqui reina o absurdo caro a Lewis Carroll, o nonsense, o paradoxo no seu estado puro. Um bule sem pega, com o bico a sair pela tampa. Uma torneira encimada por uma pena e presa a uma bola. Este objeto ridículo é colocado num pedestal de forma a ampliá-lo. É *L'Oppresseur* (*O Opressor*). O título é em francês, como que para marcar melhor o apego simbólico ao grupo de Paris. A partir de 1953, cria um poema-objeto, montagem de elementos encontrados como tal na natureza: um casco, uma madeira à deriva, uma tábua. A fotografia de um olho é um pretexto para um calígrama cujo texto, novamente, está em francês. É uma quimera onde se hibridizam o objeto (madeira à deriva), o animal (calçado) e o humano (o olho) numa espécie de pé-de-cabeça, ao mesmo tempo fascinante e perturbador. Podemos ler: “Um rumor contínuo semelhante ao de uma cascata, é a queda de um pequeno fio de água amplificado pela rocha”. Esta quimera é uma reminiscência, evocação, de Pégaso, o cavalo alado nascido do sangue da Medusa, cuja presença, oculta ou manifesta, assombra o seu trabalho. A partir de 1959, um quadro com poema onde se pode ler: “o homem que tinha adormecido, atravessa a aldeia para se atirar no vazio”.

Peu d'artistes ont à ce point dynamisé les contraires pour les sublimer, créant au sein de chaque dessin ou gouache des tensions fertiles qui aiguïsent les sens. Ces oppositions jouent un rôle de catalyseur, potentialisant les émotions et favorisant la libération des puissances de l'imagination.

*S'il est un dessinateur incomparable, Seixas est aussi un peintre qui a exploré avec bonheur toutes les techniques, dont les collages et les papiers découpés. Il a aussi réalisé un grand nombre d'objets surréalistes qui égalent les plus célèbres réalisations dans ce domaine. C'est une manière pour l'artiste d'engager un dialogue avec ses prédécesseurs et en particulier avec le groupe d'André Breton. Beaucoup de ses objets font écho aux objets surréalistes les plus connus. Ce sont des objets inutiles et absurdes qui semblent rire d'eux-mêmes. Des objets d'humour noir. Ainsi, en 1954, *Le Quotidien*, une tasse en porcelaine dont l'anse se présente à l'intérieur. C'est un clin d'œil à un autre *Déjeuner*, celui de Meret Oppenheim (1936) où l'intérieur de la tasse est recouvert de fourrure. Ici règne le non-sens cher à Lewis Carroll, le nonsense, le paradoxe à l'état pur. Une Théière sans anse avec le bec qui sort du couvercle. Un robinet surmonté d'une plume et fixé à une boule. Cet objet ridicule est posé sur un socle sensé le magnifier. C'est *L'Oppresseur*. Le titre est en français, comme pour mieux marquer le rattachement symbolique au groupe de Paris. De 1953, un poème-objet, assemblage d'éléments trouvés tels quels dans la nature : un sabot, des bois flottés, une planche. La photographie d'un œil est prétexte à un calligramme dont le texte, là encore, est en français. C'est une Chimère où s'hybride l'objet (bois flotté), l'animal (sabot) et l'humain (l'œil) en une sorte de pied-tête à la fois fascinant et dérangeant. Nous pouvons lire : « un grondement ininterrompu semblable à celui d'une cascade, c'est le clapotis d'un petit filet d'eau amplifié par la roche ». Cette Chimère n'est pas sans évoquer Pégase, le cheval ailé, né du sang de Méduse, dont la présence, occulte ou manifeste, hante son œuvre. De 1959, un tableau-poème où l'on peut lire : « l'homme qui s'était endormi traverse le village pour se jeter dans le vide ».*

... qualquer caminho
é o CAMINHO
DO HOMEM e
o levar-mos às últimas
consequências...



Cruzeiro Seixas, n.d., circa anos 40

Sem título

Têmpera e tinta da china sobre impressão sobre papel, 30,5x20,5 cm



Cruzeiro Seixas, 1938

Sem título

Têmpera e tinta da China sobre papel, 23 x 32 cm

Talvez por estarem muito isolados e a ditadura dificultar qualquer encontro, os surrealistas Lusos, mais do que outros, produziram trabalhos coletivos e privilegiaram o diálogo, que André Breton considerava a essência da obra de arte, tal como a defendia. Estas obras colaborativas, realizadas no início do movimento português a partir de 1947 e continuadas pelos artistas durante toda a vida, são realmente uma das suas especificidades.

Retomando a forma do “Cadavre-Exquis” (apelidado por Cesariny de “Cadáver Esquisito”), inventada pelo grupo francês em 1925, os artistas portugueses expressam a sua fidelidade aos ideais Surrealistas, tal como André Breton os formulou no seu Manifesto: “É ainda ao diálogo que as formas da linguagem Surrealista melhor de adaptam”. Produzir “Cadavre-Exquis”, é, desde o início, colocar a sua arte sob o signo da amizade e do diálogo. Mas enquanto o grupo francês inventou formas complexas de criações verbais com várias pessoas, verdadeiros diálogos mágicos, os seus Requitados Cadáveres desenhados, são geralmente obras rápidas, quase espontâneas. Com Artur e os seus amigos, o “Cadavre-Exquis” desenhado complexifica-se, abandonando a estrutura básica que é a “figura”, com uma distribuição anatômica no formato vertical: cabeça, tronco e pernas, para se tornar numa obra por direito próprio, sem perder nada da sua dimensão experimental e lúdica.

Os surrealistas portugueses, tanto os poetas como os pintores, transformaram o “Cadavre-Exquis” num modo de expressão de pleno direito, no qual os vários autores, com mundos e técnicas totalmente diferentes, muitas vezes em extremos opostos, trabalham em conjunto. Artur, mestre da arte de sintetizar os extremos, mantendo intacta a violência das oposições, sentiu-se imediatamente à vontade nas obras colaborativas. Praticou-as durante toda a sua vida, primeiro com Mário Cesariny, depois com a escultora Isabel Meyrelles, amiga de longa data, que traduziu os seus poemas para francês, começando a torná-lo mais conhecido em França.

Peut-être parce qu'ils étaient très isolés et que la dictature rendait difficile toute rencontre, les surréalistes lusitaniens ont, plus que d'autres, pratiqué les œuvres collectives et privilégié le dialogue qu'André Breton considérait comme l'essence même de l'art qu'il défendait. Ces œuvres en dialogue, réalisées au tout début du mouvement portugais en 1947 et poursuivies par les artistes toute leur vie durant, sont vraiment une de leurs spécificités.

En renouant avec la forme, inventée par le groupe français en 1925, du Cadavre exquis, les artistes portugais expriment leur fidélité aux idéaux surréalistes tels qu'André Breton les formulait dans son Manifeste : « C'est encore au dialogue que les formes du langage surréaliste s'adaptent le mieux ». Réaliser des cadavres exquis, c'est d'emblée placer son art sous le signe de l'amitié et du dialogue.

Mais tandis que le groupe français invente des formes complexes de créations verbales à plusieurs, véritables dialogues magiques, leurs cadavres exquis dessinés sont généralement des dessins rapides, quasi spontanés. Avec Artur et ses amis, le cadavre exquis dessiné se complexifie et abandonne la structure de base qui était celle de la « figure » avec, sur un format vertical, une distribution anatomique : tête, torse, jambes, pour devenir œuvre à part entière, sans rien perdre de sa dimension expérimentale et ludique.

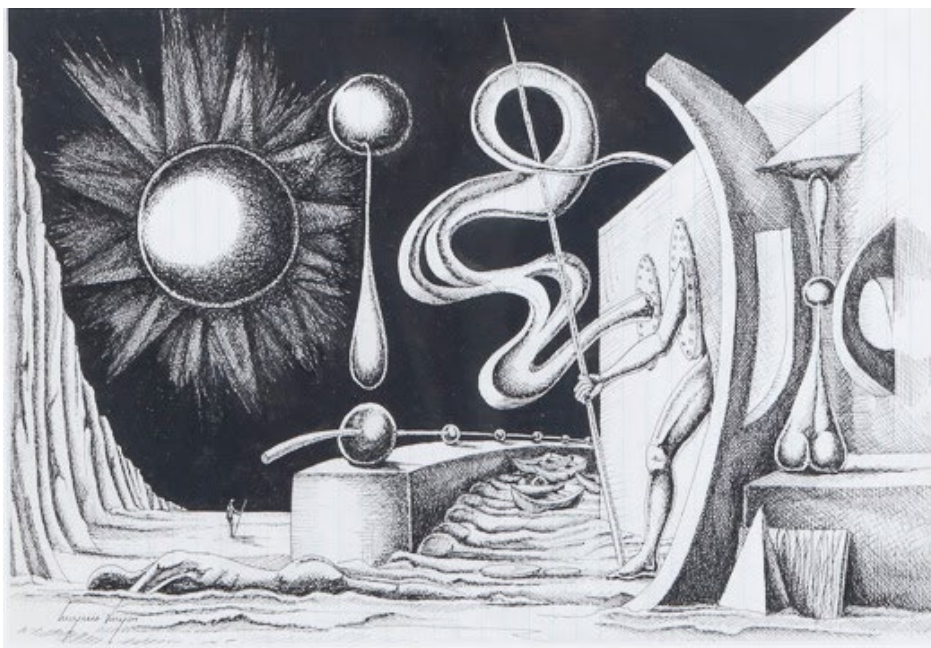
Les surréalistes portugais, à la fois poètes et peintres, ont fait du cadavre exquis un mode d'expression à part entière dans lequel des amis, avec des univers totalement différents et des techniques souvent aux antipodes, font œuvre commune. Artur, passé maître dans l'art de synthétiser les extrêmes, en conservant intacte la violence des oppositions, s'est immédiatement senti à l'aise dans les œuvres en dialogue. Il les a pratiquées tout au long de sa vie, d'abord avec Mario Cesariny, puis avec la sculptrice Isabel Meyrelles, l'amie de toujours, qui a traduit ses poèmes en français et s'est attachée à le faire mieux connaître en France.

A Perve Galeria expõe, a partir de 2006, um conjunto de “Cadavre-Exquis” realizados por Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco e Mário Cesariny. O formato horizontal das obras promove a criação de um espaço vasto onde vários elementos se confrontam. Carlos Cabral Nunes reuniu, em 2010, numa exposição intitulada “Cadavres Trop Exquis”, três cúmplices: Artur Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles e Benjamin Marques, a quem o próprio Cabral Nunes se juntou para criar serigrafias/colagens a partir dos seus cruzamentos colaborativos. Cruzeiro Seixas e Benjamin Marques, por outro lado, produziram “Cadavre-Exquis” em tinta preta em grande formato. Estes desenhos extraordinários abrem portas ao reino das quimeras.

Para além dos “Cadavre-Exquis”, onde a contribuição do outro só é descoberta no final, os artistas portugueses também criaram obras colaborativas, no sentido contemporâneo do termo. Fizeram em pintura, desenho e escultura o que os surrealistas franceses haviam feito com a escrita. Assim, os campos magnéticos nascem de dois inconscientes magnetizados um pelo outro, graças à escrita automática, pulverizando assim a noção de autor. Esta experiência inaugural, de uma escrita realizada a várias mãos, tentada em 1919 por André Breton e Philippe Soupault, será repetida em várias ocasiões. Tratava-se de questionar a autoria de um trabalho e a unidade do seu estilo. A exposição intitulada “Cadavre Trop Exquis” (Cadáver Muitíssimo Requentado), destacou a passagem dos “Cadavre-Exquis” (em sentido mais ortodoxo) em direção ao trabalho colaborativo (mais aberto, heterodoxo). Isabel Meyrelles começa a trabalhar em Paris, a partir de 1950. Uma estética de quimeras federaliza a sua obra. Juntamente com Artur, criou uma série de esculturas que ostentam as suas duas assinaturas. A partir de um desenho, ela recria os volumes e as partes que faltam. Ela inventa um reverso da imagem que não tinha, na bidimensionalidade do desenho, a outra face. Da sua colaboração nascerão criaturas híbridas de grande sensualidade.

La Perve Galeria conserve, de 2006, un ensemble de cadavres exquis réalisés par Cruzeiro Seixas, Fernando José Francisco et Mario Cesariny. Le format horizontal de la feuille favorise la création d'un vaste espace dans lequel se confrontent divers éléments. Carlos Cabral Nunes a réuni en 2010, dans une exposition intitulée Cadavres trop exquis, les trois complices : Artur Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles et Benjamin Marques auquel Cabral Nunes lui-même s'est joint pour exécuter des sérigraphies/collages à partir de leurs œuvres croisées. Cruzeiro Seixas et Marques ont réalisé des cadavres exquis à l'encre noire en grand format. Ces dessins très aboutis ouvrent les portes du royaume des chimères.

En plus des cadavres exquis proprement dits, où l'on ne découvre qu'à la fin la contribution de l'autre, les artistes portugais ont aussi créé des œuvres collaboratives, dans l'acception très contemporaine du terme. Ils ont pratiqué en peinture, en dessin ou en sculpture ce qu'avaient fait les surréalistes français avec l'écriture. Ainsi, Les Champs magnétiques sont nés de deux inconscients magnétisés l'un par l'autre, grâce à l'écriture automatique, pulvérisant ainsi la notion d'auteur. Cette expérience inaugurale d'écriture à plusieurs, tentée en 1919 par André Breton et Philippe Soupault, sera reconduite à différentes reprises. Il s'agissait de remettre en cause la paternité d'une œuvre et l'unité de style. L'exposition intitulée Cadavre trop exquis, soulignait le dépassement du cadavre exquis vers l'œuvre collaborative. Isabel Meyrelles travaille à Paris depuis 1950. Une esthétique du chimérique fédère ses œuvres. Elle a créé avec Artur un certain nombre de sculptures qui portent leurs deux signatures. A partir d'un dessin, elle recrée les volumes et les parties manquantes. Elle invente un envers à l'image qui ne peut montrer, en deux dimensions, qu'une seule face. De leur collaboration naîtront des créatures hybrides d'une grande sensualité.



Cruzeiro Seixas, n.d.

Sem título

Técnica mista sobre papel, 21,5 x 31 cm

Artur e Mário Botas envolvem-se numa poética etérea, em trabalhos colaborativos que momentaneamente protegem e afastam o espectador das duras leis da gravidade. As obras conjuntas de Alfredo Luz e Artur propõem uma incursão nos domínios da água e dos sonhos. Mais recentemente, é o grande poeta português, Valter Hugo Mãe, que povoa os espaços ilimitados de Artur com os seus personagens híbridos e delicados. Num universo onírico, as figuras acéfalas do escritor “imprudently poético” interagem com as estátuas divertidas de Cruzeiro Seixas. Em núpcias selvagens, as formas extremamente agudas e afiadas de um, unem-se às formas redondas e dilatadas do outro. Artur do Cruzeiro Seixas convida-nos a aventurarmos-nos com ele num mundo mágico onde as antigas antinomias são superadas e as contradições transcendidas. A forma como ele pratica a imagética Surrealista age como um princípio alquímico, uma transformação de energia.

Françoise Py, Paris - 2019

Nota biográfica

Françoise Py é historiadora de arte, Professora na Universidade Paris 8. Ela lidera com Henri Béhar a Associação de Pesquisa e Estudo sobre o Surrealismo (APRES) que tem um site e uma lista semanal e internacional dedicada ao tema. Ela organiza no Halle Saint-Pierre, museu de arte bruta e singular, reuniões mensais (...) sobre o Surrealismo abrangente.

(...) Ela publica regularmente artigos científicos sobre o Surrealismo internacional. Dirigiu assim o número 1 de Mélusine digital em Endre Rozsda, 2019, contribuiu para o Dicionário André Breton, Classics Garnier, etc. Organizou um simpósio em honra da escultora Isabel Meyrelles no Centro Gulbenkian em Paris.

Artur se livre avec Mario Botas à une poétique de l'air dans des œuvres collaboratives qui soustraient momentanément le regardeur aux dures lois de la pesanteur. Les œuvres croisées d'Alfredo Luz et d'Artur proposent quant à elles une incursion dans le domaine de l'eau et des rêves. Tout récemment, c'est le grand poète portugais valter hugo mãe qui joue à peupler de ses tendres hybrides les espaces illimités d'Artur. Dans un univers onirique, les figures acéphales de l'écrivain « imprudemment poétique » dialoguent avec les drôles de statues d'Artur. En de folles épousailles, les formes volontiers aiguës et tranchantes de l'un s'unissent avec les formes rondes et dilatées de l'autre.

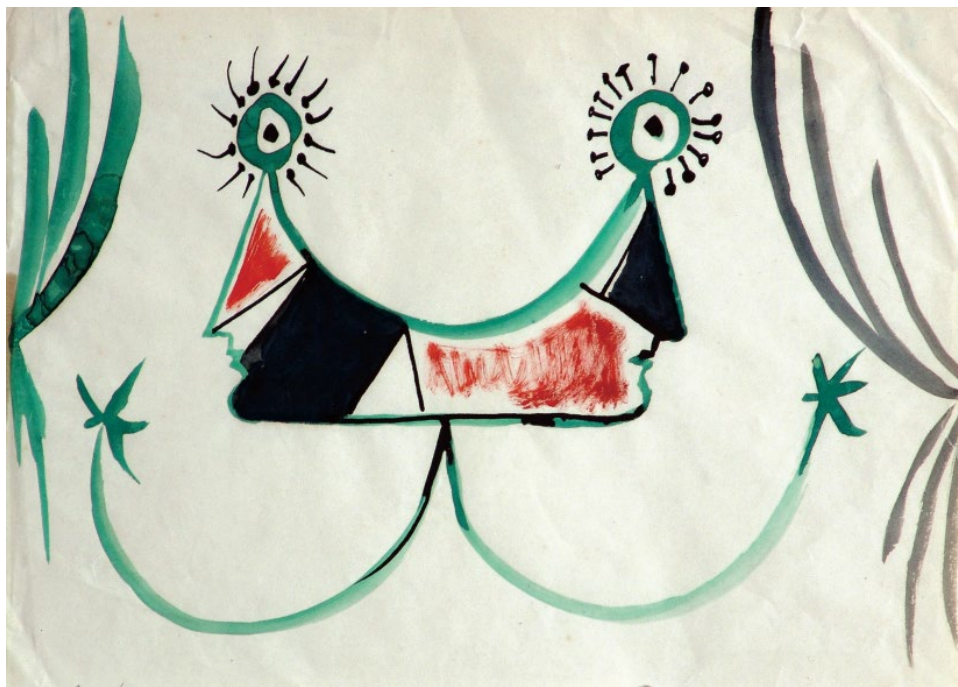
Artur Cruzeros Seixas nous invite à nous aventurer avec lui dans un univers magique où les vieilles antinomies sont surmontées, les contradictions transcendées. La façon dont il pratique l'image surréaliste agit comme un principe alchimique, un transformateur d'énergie.

Françoise Py, Paris - 2019

Notice biographique

Françoise Py est historienne de l'art, maître de conférences à l'université Paris 8. Elle dirige avec Henri Béhar l'Association Pour la Recherche et l'Etude sur le Surréalisme (L'APRES) qui a un site et une Liste hebdomadaire internationale Mélusine. Elle organise à la Halle Saint-Pierre, musée d'art brut et singulier, des rencontres mensuelles (...) sur un surréalisme élargi. (...) Elle publie régulièrement sur le surréalisme. Elle a ainsi dirigé le n°1 de Mélusine numérique sur Endre Rozsda, 2019, a contribué au Dictionnaire André Breton, Classiques Garnier, etc. Elle a organisé un colloque en hommage à la sculptrice Isabel Meyrelles, au Centre Gulbenkian de Paris.

Núcleo Os SURREALISTAS 1949/52



Cruzeiro Seixas, n.d. - circa 1940
Sem título
Técnica mista sobre papel, 20x30 cm

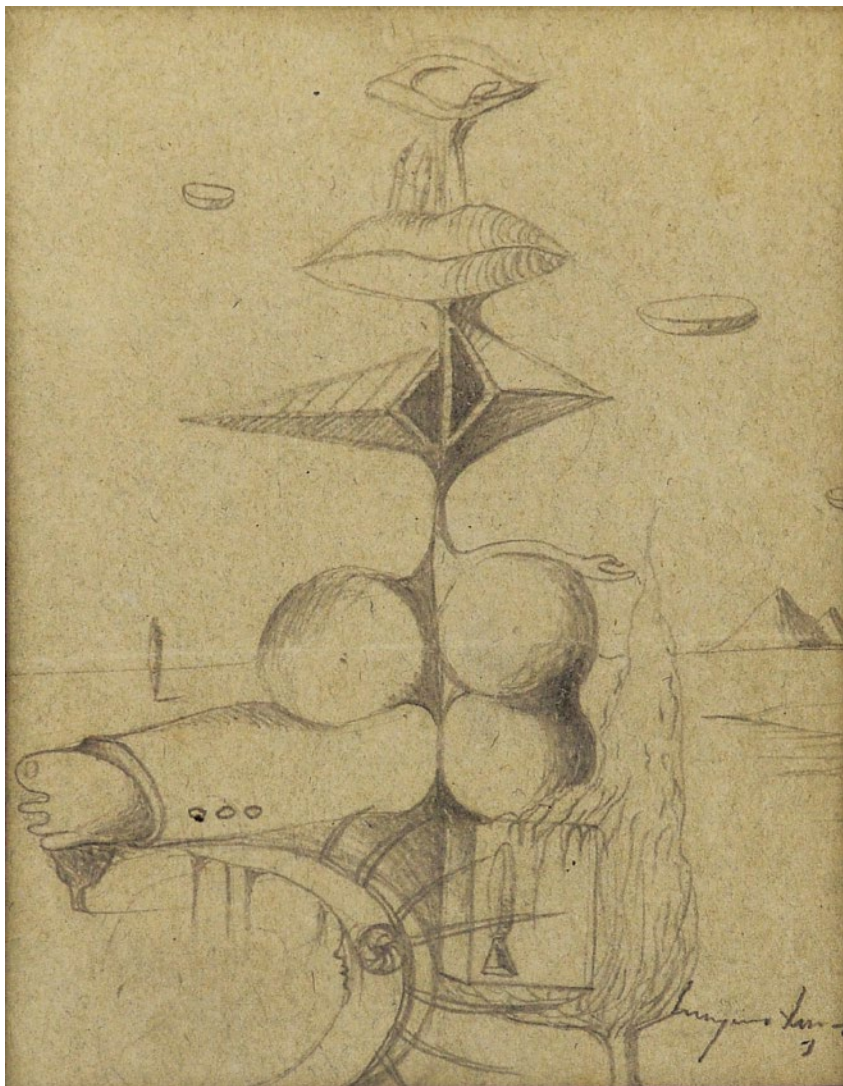
Alguns motivos tristes para nós...

Os que nos falam de uma maneira
grande ritam a nós e de outra grande
estamos acompanhados — ou ainda
de formas diferentes, conforme as cam-
panhas...

Os que conhecemos com uma pura
coriosidade (por exemplo) pelo muer-
tismo, ou até por nós mesmos — e para
dos meios, já mais integrados na
sociedade, (informados!) já mostram
uma irremovível posição de desconfi-
ança (de medo) ou de desprezo...

Os que espalham misturas a nós
e respeito...

Os que nos odiam por não sermos
aquilo que eles fulgam que somos, ou



Cruzeiro Seixas, n.d., circa 1949

Sem título

Grafite sobre papel, 13 x 9 cm

ARTUR CRUZEIRO SEIXAS
Um surrealista globalizado

Pintor poeta, ou poeta pintor, conhecido pelas suas pinceladas distintas, Artur Manuel Rodrigues do Cruzeiro Seixas nasceu na Amadora, em 1920, em Portugal. Afirmou publicamente que a poesia é o alicerce da sua arte, mesmo quando pinta. Em vez de se considerar um pintor, ocupação pela qual é mais reconhecido pelo público, Cruzeiro seixas prefere ser visto como “um homem que pinta”, evitando a ideia de ser “um acadêmico” ou um “artista profissional” que conhece o seu ofício e lucra com isso. Essa é sua postura ética. Muitos críticos tendem a referir-se à sua arte visual como lírica, poética. De fato, antes mesmo de Cruzeiro Seixas ter inserido o verso nas suas obras, as suas pinturas e colagens foram muitas vezes intituladas como “um verso” ou “um poema”, como se a palavra escrita fosse sinônimo da pincelada da sua arte. Cruzeiro Seixas foi um participante ativo no movimento surrealista português, através de sua participação no “anti-grupo” Os Surrealistas, no final da década de 1940 e início da década de 1950. Para além de, ainda hoje, ser um representante ativo deste movimento no seu país, Artur do Cruzeiro Seixas, também pode ser considerado responsável por ter levado para Angola, em 1951, essa forma de arte de vanguarda. Querendo viajar pelo mundo, mas financeiramente incapaz de fazê-lo, alistou-se na marinha mercante. Isso deu-lhe a oportunidade de viajar, como desejava, e eventualmente, acabou por se estabelecer em África, mais especificamente em Luanda, Angola, que era uma colônia portuguesa na época. (...)

in The International Encyclopedia of Surrealism (Three-volume set), Editores: Michael Richardson, Dawn Ades, Krzysztof Fijalkowski, Steven Harris, Georges Sebbag, tradução livre do texto original.

ARTUR CRUZEIRO SEIXAS
Of a Globalized Surrealist

A painter poet, or a poet painter, known for his distinctive brushstrokes, Artur Manuel Rodrigues do Cruzeiro Seixas was born in Amadora, Portugal, in 1920. He has publicly stated that poetry is the foundation of his art, even when he is painting. Instead of considering himself a painter, the medium for which he is best known to the public, he prefers to be seen as “a man who paints,” sidestepping the idea of being an academic, or a professional artist who knows his craft, and profits from it. This is his ethical posture. Many critics tend to refer to his visual art as lyric, poetic. In fact, even when Cruzeiro Seixas has not already inserted a verse into his works, his paintings and collages are often titled with a verse or a poem, as if the written word were synonymous with the brushstroke of his art. Cruzeiro Seixas was an active participant in the Portuguese surrealist movement, through his membership in the “anti-group” Os Surrealistas (The Surrealists) in the late 1940s and early 1950s. In addition to being an active representative of the movement in the country today, he can also be considered responsible for bringing this vanguard art form to Angola in 1951, wanting to travel the world, but financially incapable of doing so, he enlisted with the merchant marine. This gave him the opportunity to travel, as he had desired, and eventually he settled down in Africa, specifically in Luanda, Angola, which was a Portuguese colony at the time. (...)

in The International Encyclopedia of Surrealism (Three-volume set), Editors: Michael Richardson, Dawn Ades, Krzysztof Fijalkowski, Steven Harris, Georges Sebbag

Núcleo Áfricas



Cruzeiro Seixas, 1953

Sem título

Óleo sobre esteira de fibra natural, 59 x 64 cm



Cruzeiro Seixas, 1957
 Personagem estudando o cometa Halley
 Frente e verso. Grafite e tinta da China s/ papel. 29,5 x 20,5 cm





Cruzeiro Seixas, 1958
O Sentido Convulsivo ou melhor Revulsivo das Coisas
Grafite sobre papel, 22,5 x 32,5 cm



Cruzeiro Seixas, 1957

La tricoteuse

Tinta da china e têmpera sobre papel, 16,5 x 22 cm



Cruzeiro Seixas, 1957

O Encontro

Tinta-da-china e têmpera sobre papel, 23 x 32 cm



Cruzeiro Seixas, 1953

Sem título

Óleo em fibra natural, 8,5 x 23 cm

Núcleo Pós-revolução de 1974



Cruzeiro Seixas, 2005

Sem título

Tempera sobre papel, 24 x 32 cm.



Cruzeiro Seixas, 2009
Sem Título
Técnica mista s/ papel, 35 x 25 cm

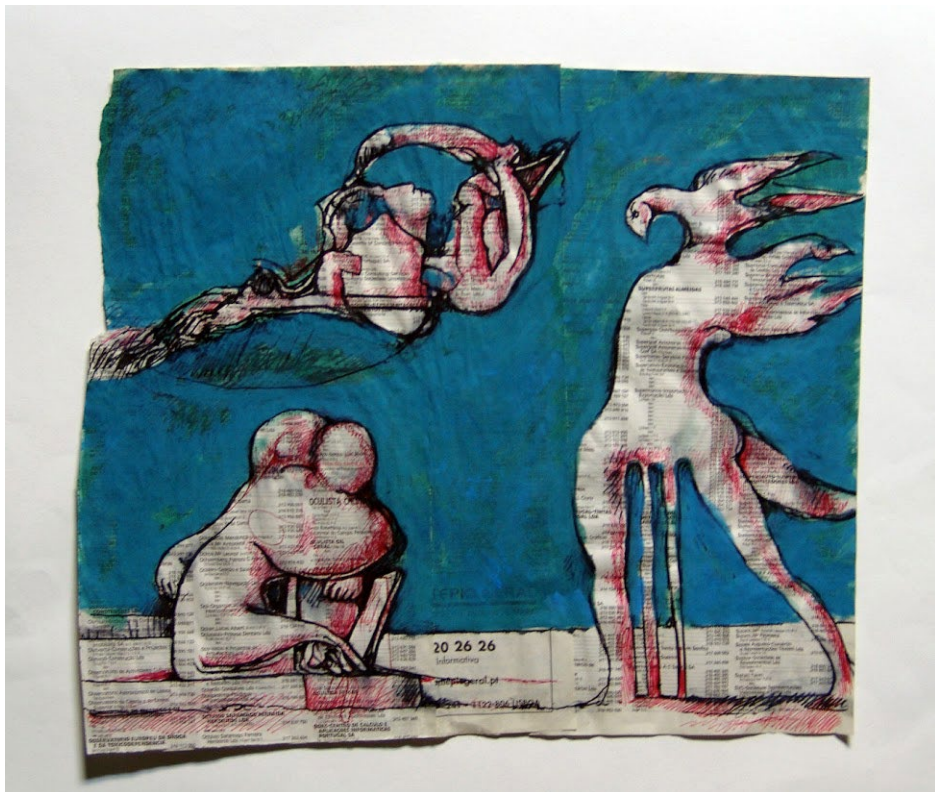
UMA QUALQUER IDEIA MORAL SÓ PODE
SER VALIDA QUANDO NAO FÔR ADMITIDA "A PRIORI".
QUERO DIZER QUE, O QUE É "BOM" NUM INDIVIDUO, PODE SER
"MAU" NOUTROS, OU ATÉ O QUE É "BOM" EM DETERMINADO MOMEN-
TO, PODE SER MAU NO SEGUINTE.
MELHOR, NUNCA UMA IDEIA MORAL NOS DEVE PRIVAR DE UMA
QUALQUER EXPERIENCIA.
MAIS, SÓ DEVERIAMOS ADMITIR COMO IDEIA MORAL, AQUELA
QUE NÃO NOS PRIVASSE DE QUALQUER CONHECIMENTO, MAS
APENAS O CONDICIONASSE A DIVERSOS FACTORES DE MO-
MENTO.
MESMO ASSIM, SERIA LEGITIMO POR EM DUVIDA A NECESSI-
DADE DE O HOMEM SE SOBORDINAR PARCIALMENTE A UMA
QUALQUER NEGAÇÃO DE SI --DE UMA PARTE PEQUENA DE SI
SI QUE SEJA...



Cruzeiro Seixas, circa anos 1990

Sem título

Tinta da china, têmpera e colagem sobre papel, 21x34 cm



Cruzeiro Seixas, circa 2010

Sem título

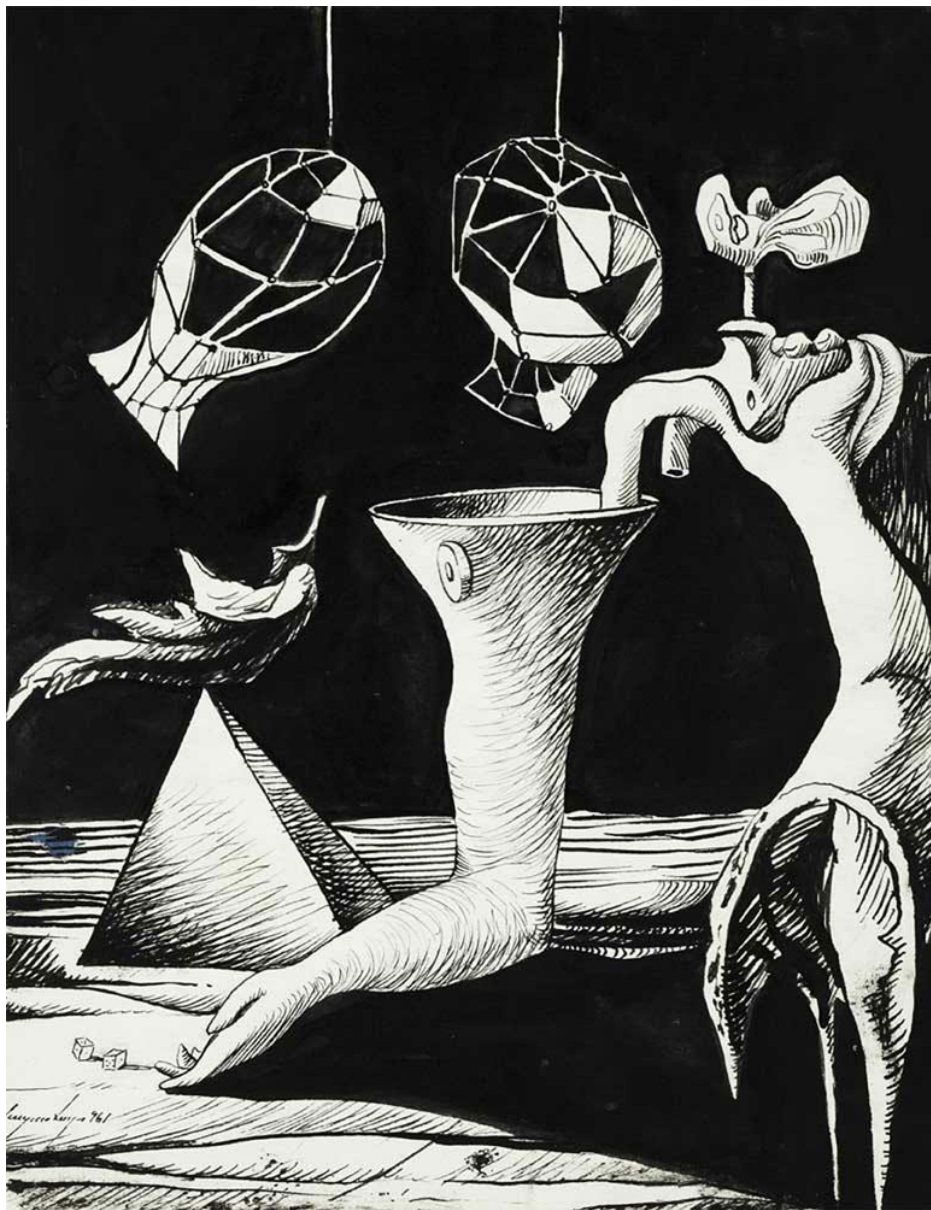
Têmpera e tinta da china s/ papel, 30 x 34 cm



Cruzeiro Seixas, circa anos 80

Paisagem da alma

Tinta da china e Têmpera sobre papel, 20 x 26,5 cm,



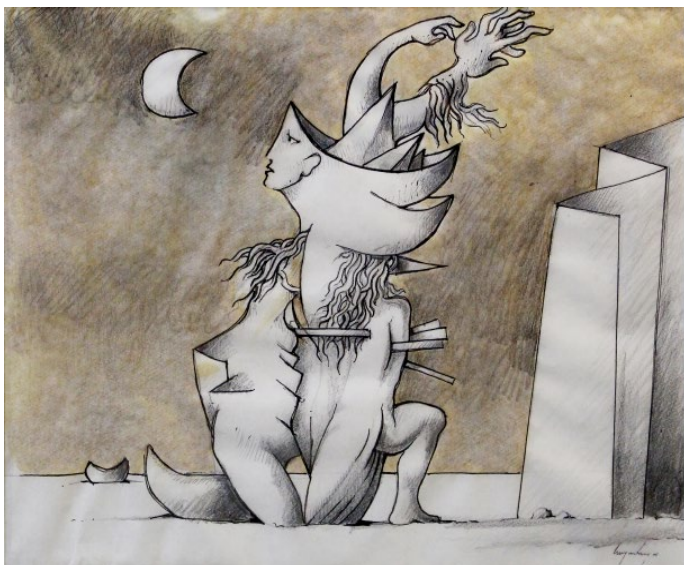
Cruzeiro Seixas, 1961

Sem título

Tinta da china sobre papel, 21 x 16,5 cm



Cruzeiro Seixas, circa anos 1990
Sem título
Colagem, têmpera
e ocultação s/ papel, 28 x 18 cm



Cruzeiro Seixas, 2017
Espelhos enlouquecidos
Tinta da china e têmpera s/ papel, 18,5 x 22 cm



Cruzeiro Seixas, 1960

Sem título

Têmpera e tinta da China s/ papel, 24 x 31,5 cm

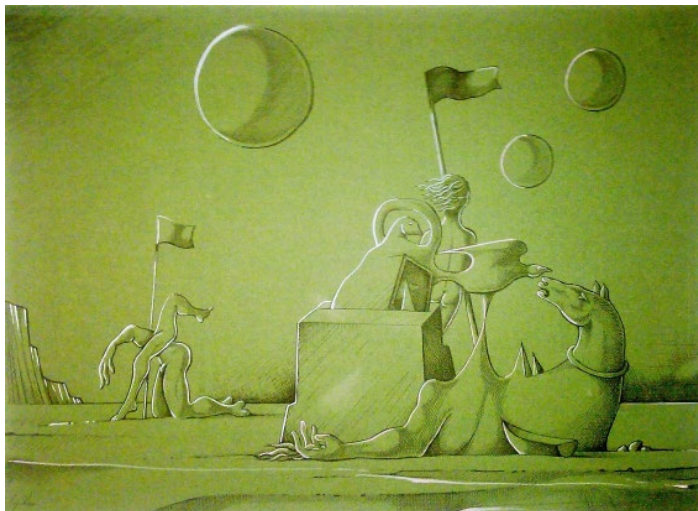
Tanto discutiram a forma, a posição, a cor, o preço da pequena paisagem que ela deitou a mão a uma leve corrente de ar e saiu pela janela para não mais entrar.

Sopunhamos que o vento a levou até ao mar e aí se afogou!

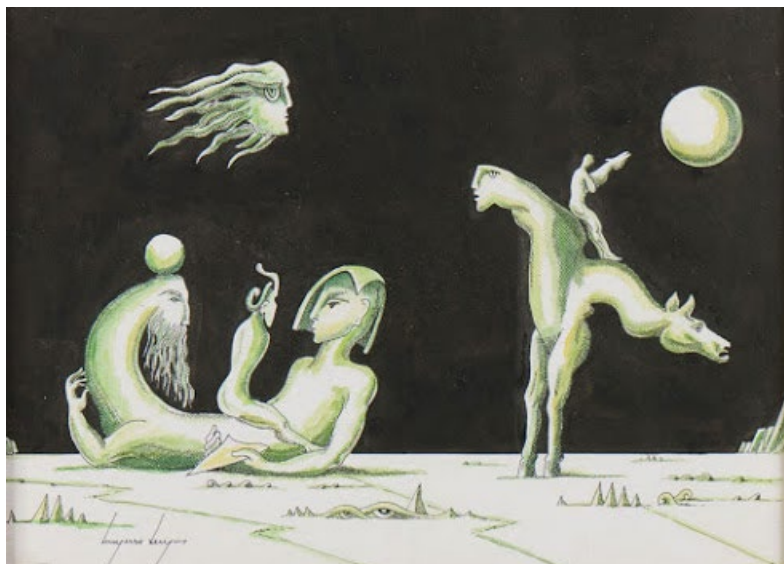
Da "paisagem" que depois pintaram desse trágico momento ninguém gostou...

*O drama só interessa
quando tem no seu próprio cor-
po elementos de comédia, e vice-
versa.*

Quem a adoecece.
*Depois, eu há só drama — mas
quão ruipe fica apenas
comédia...*



Cruzeiro Seixas, 1978
 Duas ilhas
 Tinta da china e têmpera sobre papel, 31,5 x 43,5 cm.



Cruzeiro Seixas, circa anos 1970
 Sem título
 Técnica mista sobre papel, 16,5 x 23 cm

Cada vez o futuro tem
muros muito mais altos para mim.
O Passado, o Presente, o Futuro:
aqueles em que eu ainda acre-
dito não estão em nenhuma des-
tas palavras.



Cruzeiro Seixas, circa 1980

Sem título

Têmpera e tinta da china s/ papel, 23,5 x 37,5 cm



Cruzeiro Seixas, 2000
 Projecto de Farol
 Têmpera e tinta da china sobre papel, 40,5x28,5 cm



Cruzeiro Seixas, 1978
 Personagem estudando o cometa Halley
 Tinta-da-china sobre papel, 29 x 19cm



Cruzeiro Seixas, n.d.
Sem Título
Tinta-da-China e Carvão
s/ papel, 26 x 20,5 cm



Cruzeiro Seixas, 2004
Os segredos do vento
Tinta da china e tempera sobre papel, 20 x 26,5 cm



Cruzeiro Seixas, circa 1960

Sem Título

Têmpera e colagem sobre papel, 27 x 35 cm



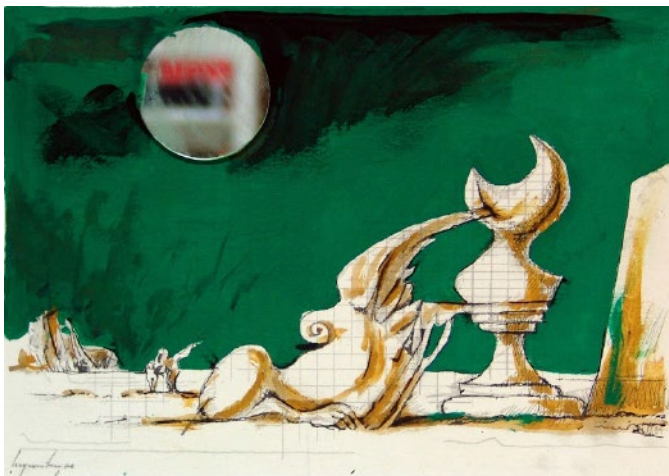
Cruzeiro Seixas, circa 1980

Sem título

Têmpera e tinta da China sobre papel, 26,5 x 21cm



Cruzeiro Seixas, n.d.
Sem Título
Colagem sobre papel, 17 x 23 cm



Cruzeiro Seixas, 2009
Sem título
Técnica mista sobre papel, 25 x 35cm



Cruzeiro Seixas, 2009
Sem Título
Técnica mista s/ papel, 35x25 cm



Cruzeiro Seixas, n.d.
Sem Título
Técnica mista s/ papel, 25x15 cm

Carlos Cabral Nunes: Para além da questão das exposições, havia também uma outra proposta. O Mário (Cesariny) dizia: “Proposta de transformação da Sociedade”.

Cruzeiro Seixas: Ah, mas isso... Isso é uma coisa que está a acontecer e que aconteceu com a Revolução Francesa, que aconteceu também com a Implantação da República em Portugal, que aconteceu com os novos regimes como tem acontecido em Inglaterra, e na América, sendo que cada presidente faz uma nova América. Quer dizer que tudo isto realmente são situações que vão acontecendo, e que coisas muito brilhantes resultaram disso tudo? Resultaram realmente coisas muito esquisitas. Mas coisas que sejam grandiosas, aquilo que a humanidade precisava, está muito longe de acontecer. Da Revolução Francesa o que é que nos ficou? Do Comunismo na Rússia o que é que nos ficou? De todas esses grandes acontecimentos; do assassino da família real, daquilo o é que nos ficou? Quer dizer, umas tontices, bater com a cabeça nas paredes, não sei quantos, e pouco mais...

CCN: E o que é que o Artur quer dizer, quando afirma “Daquilo que a humanidade de facto precisava não ficou nada”. Mas o que é que a humanidade de facto precisava?

CS: Nada não! Alguma coisa fica, mas pouco.

CCN: Mas o que é que precisava mesmo?

CS: Algo que você fala muitas vezes, nesse seu projeto de discurso (n. Ed. sobre a acção Artivista Cultural, realizada no dia 28 de Junho, onde foram vendadas, em Lisboa, 9 estátuas de figuras ilustres das artes e da cultura). Por exemplo: as pessoas respeitarem-se umas às outras, isto é, falando a linguagem mais fácil, pois é claro que, para além disso, há imensas dificuldades de toda a ordem, com a ciência, com os exércitos, com tudo isso; isso tudo são problemas gravíssimos a serem resolvidos. Como é que nós hoje estamos a manter exércitos em todo o mundo? Aqui em Portugal, por exemplo, como é possível que nós mantenhamos um exército?

Quer dizer: não temos dinheiro para comprar uma obra de Max Ernst que representa a Soror Mariana Alcoforado, mas temos dinheiro para comprar canhões? Quer dizer: os senhores todos cheios de condecorações e muito importantes a tomarem whiskey a toda a hora julgam-se no direito de ensinar um jovem de vinte anos a matar outro jovem de vinte anos. Isto pode ser? isto é intolerável, como é possível um jovem de vinte anos matar outro jovem de vinte anos? é uma coisa incrível... E por aí fora, tudo coisas deste género.

CCN: E acha que a arte e a cultura têm algum papel a desempenhar nessa transformação, ou pelo contrário, também já são só um adorno. Ou o que é que podem ser, ou o que é que deviam de ser?

CS: O nome que se lhes dá, é um nome. Entre muitos nomes que se dão, como cão, como gato, como relógio, como parafuso. Agora o que é, é claro. São nomes que transcendem tudo, e isso realmente é que não se vê que aconteça. Não se vê, onde é que está realmente o resultado da cultura. Há os senhores absolutamente geniais, é o nome que se lhes dá até, são geniais. E que fazem propostas, que fazem obras, que fazem coisas extraordinárias como foi todo o Surrealismo, com gente extraordinária e honesta, sobretudo. E o que é que se vê? Continua tudo na mesma, um bocadinho mais na mesma.

Há uma palavra que eu gosto muito: é a honestidade, e isso é muito difícil de exigir aos Homens, que sejam honestos. Honestos consigo mesmos, até. E as pessoas estão a aldrabar, consigo mesmas, constantemente. Pergunto-me se isso faz parte do ser humano, ou se é uma coisa que entrou em nós com a ideia de sociedade, de sociedade organizada.

Eu não tenho o dom da palavra, tudo isto são tontices, mas são coisas que me provocam uma grande raiva e um grande mal estar.

CCN: O que é que o faria feliz, agora que está quase a caminho dos 100 anos?

CS: Ah, bom... isso de caras, é que as pessoas se intendessem umas com as outras e que não andassem a guerrilhar, mas claro, não se vê nada. Esse caminho não se vê, não se vê anunciado, não se vê realizado, não se vê sequer pronúncios dele porque os Homens não querem, por que os Homens descobrem coisas como aldrabar, que é o que eles gostam mais de fazer uns com os outros, para terem mais um automóvel, para terem mais uma amante, mais uma casa na província, mais uma casa de fim-de-semana, enfim, são “ideais” como estes que preenchem a sociedade, infelizmente.

*Entrevista a Cruzeiro Seixas, conduzida
e realizada por Carlos Cabral Nunes, assistido por Mariana Guerra. Junho de 2019.*

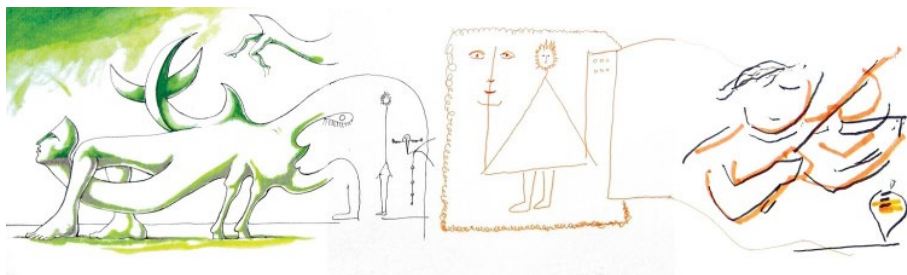


Cruzeiro Seixas, circa 1980

Sem título

Técnica mista sobre papel, 41,3 x 32 cm

Núcleo "Cadavre-Exquis"



Cruzeiro Seixas | Mário Cesariny | Fernando José Francisco, 2006

Sem título

Técnica mista sobre papel, 20x70 cm



Cruzeiro Seixas | Gabriel Garcia, 2009

Sem título

Tinta da china e aguada sobre papel, 21 x 50 cm



Cruzeiro Seixas e Valter Hugo Mãe, 2018

Sem título

Técnica mista sobre papel, 50x71 cm



Cesariny | Cruzeiro Seixas | Fernando José Francisco, 2006

Sem título

Técnica mista sobre papel, 31,5 x 41 cm



Cruzeiro Seixas | Benjamin Marques, 2010
Sem Título
Técnica mista sobre papel, 21x 28,9 cm



Cruzeiro Seixas e Valter Hugo Mãe, 2018
Sem título
Técnica mista s/ papel, 50 x 71 cm,



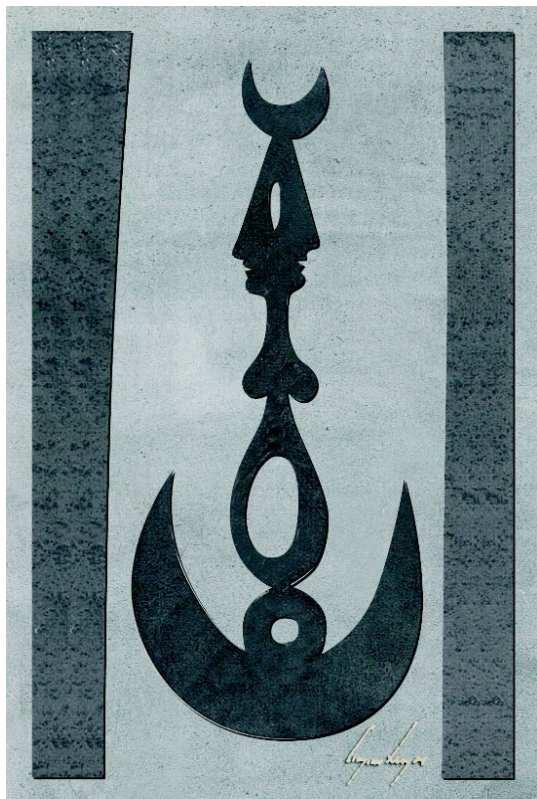
Alfredo Luz | Cruzeiro Seixas, 2009
Sem título
Técnica mista sobre papel, 21 x 29 cm

Núcleo

Placas escultóricas, Jóias e Livros de artista



Cruzeiro Seixas, 2013
Sem título
Ferro e alumínio, 17 x 10 cm



Cruzeiro Seixas, 2013
Sem título
Ferro e alumínio, 15 x 10 cm

... grandes proetas são os
Chouros, os que vivem fora
da lei — de qualquer
lei.

Os que não tem moral
nem felicidade, nem
dignidade, nem fami-
lia nem patria nem
preconceitos.

Os que não sabem nada
de arte nem de poesia
nem de poetas.



Cruzeiro Seixas, 2013
Sem título
Ferro e alumínio, 11 x 20 cm



Cruzeiro Seixas, 2013
Sem título
Ferro e alumínio, 15 x 24 cm



Cruzeiro Seixas, 2010
Sem título
Joia pregadeira em Prata e zircão - Prova Única, 7,5 x 4 cm



Cruzeiro Seixas, 2010
Sem Título
Jóia em Prata e zircão - Prova Única, 7 x 9 x 1 cm



Cruzeiro Seixas, 2017
Intervenção sobre capas de catálogos da
exposição Arte Postal,
realizada na Universidade de Évora, 22 x
16 cm



Nasceu em 1920, na Amadora. Frequentou a Escola António Arroio, em Lisboa.

Em 1948 adere ao grupo “os Surrealistas”, com Mário Cesariny, Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria, Fernando José Francisco, Fernando Alves dos Santos e Carlos Calvet.

Nos anos 50 deixa Portugal e parte em direção a África fixando-se em Angola. Com o intensificar da guerra colonial abandona África e regressa a Portugal.

onde produz ilustrações para “Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica”, de Natália Correia e, em 1967, inaugura com Mário Cesariny a exposição Pintura Surrealista, na Galeria Divulgação, no Porto.

Em 1969, novamente com Cesariny, integra a Exposição Internacional Surrealista na Holanda e durante a década de 70 mostra trabalhos seus em inúmeras coletivas do movimento surrealista internacional, principalmente aquelas ligadas ao Grupo Phases ao qual havia, entretanto, aderido. Nas décadas seguintes, depois de cortar relações com Cesariny, afastar-se-á dos circuitos de consagração mercantil e institucional. Fixa-se no Algarve e continua a apresentar os seus trabalhos em exposições individuais e coletivas.

A Perve Galeria, em 2006, apresentou “Cesariny, Cruzeiro Seixas e Fernando José Francisco e o passeio do cadáver esquisito”. Esta exposição marcou o reencontro dos três artistas, fundadores de Os Surrealistas em Portugal. Foram apresentadas obras originais realizadas entre 1941 e 2006 - ano em que realizou um conjunto inédito de 12 “Cadavres Exquis”.

Está representado nas coleções do Museu do Chiado (Lisboa); Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa); Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro; Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra); Museu Francisco Tavares Proença Júnior (Castelo Branco); Fundação António Prates (Ponte de Sôr), Fundação Cupertino de Miranda (V.N.Famalicão), Fundación Eugénio Granell (Galiza) e Coleção Lusofonias | Casa da Liberdade - Mário Cesariny, entre outras.

Born in 1920 in Amadora. Attended the School Antonio Arroio, in Lisbon.

In 1948 joins “the Surrealists,” with Mário Cesariny, Pedro Oom, Henrique Risques Pereira, António Maria Lisboa, Mário Henrique Leiria, Fernando José Francisco, Fernando Alves dos Santos and Carlos Calvet.

In the 50 leaves Portugal towards Africa settling in Angola. With the step of the colonial war abandons Africa and returns to Portugal where he produced illustrations for “Erotic and Satirical Portuguese Poetry Anthology” of Natália Correia and in 1967, with Mário Cesariny exhibits “Surrealist Painting” at Divulgação Gallery in Porto.

In 1969, again with Cesariny, integrates the International Surrealist exhibition in the Netherlands and during the 70’s show his work in numerous collectives of The International Surrealist Movement, especially those related to Phases Group which whom had joined. In the following decades, after cutting ties with Cesariny, moves away from the commercial and institutional art circuits. Fixes in Algarve and continues to present his work in solo and group exhibitions.

Perve Galeria presented “Cesariny, Cruzeiro Seixas and Fernando José Francisco and the exquisite corpse walk”, in 2006. This exhibition marked the reunion of the three artists founders of the Surrealism in Portugal. Original works made by them between 1941 and 2006 were showed.

He is represented in the Museu do Chiado collection (Lisbon); Modern Art Centre of the Calouste Gulbenkian Foundation (Lisbon); Institute of National Library and the Book; Machado de Castro National Museum (Coimbra); Francisco Tavares Proença Júnior Museum (Castelo Branco); António Prates Foundation (Ponte de Sôr), Cupertino de Miranda Foundation (VNFamalicão), Eugénio Granell Fundación (Galicia) and Lusofonias Collection | Freedom House - Mário Cesariny, among others.

Procuramos um
caviinho e não nos
perdemos...

Para ajudar não é
absolutamente necessário
um caviinho...

FICHA TÉCNICA

conceito e curadoria

Carlos Cabral Nunes

direção executiva

Nuno Espinho

produção / comunicação

Aurora Nunes, Mariana Guerra

João Gonçalves / Graça Rodrigues

design gráfico

CCN e Filipa B. Cruz

organização

Colectivo Multimédia Perve

Agradecimentos

Fernanda Freitas

Cláudia Magalhães

parceria e realização

aPGn2 - a PiGean too

Casa da Liberdade - Mário Cesariny

Associação Mutualista Montepio

Perve Galeria - Alfama

impressão e copyright

Perve Global - Lda.



Cruzeiro Seixas, n.d.
Sem título
Bronze, 35 x 16 cm

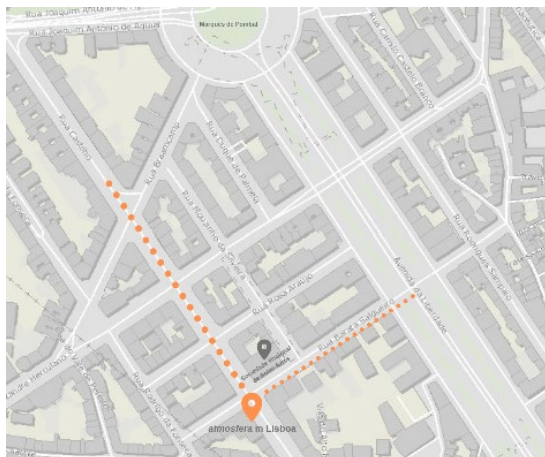


atmosfera m
UM ESPAÇO PARA PENSAR E AGIR

Rua Castilho, n.º 5
1250-096 Lisboa | Portugal

Horário: 2ª a 6ª das 9h às 19h
sábados das 11h às 17h
tel. (+351) 210002730

Catálogo e informação:
www.pervegaleria.eu



CT-81 | Junho de 2019

Edição ©® Perve Global – Lda.

Proibida a reprodução integral ou parcial deste catálogo, sem autorização expressa do editor.

Apoios:

